

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL PAULO FREIRE

Autonomia: desafios e horizontes

CRIATIVIDADE E AMOROSIDADE COM PAULO FREIRE:

Reflexões entorno da Pedagogia da Autonomia

Prof. Ms. Agostinho da Silva ROSAS¹

Antes de adentrar no contexto do tema, “Criatividade e amorosidade com Paulo Freire”, devo dizer que passei algumas horas matutando sobre este mesmo tema. Tema que tem minha responsabilidade a indicação.

Comecei a sentir-me em mão contrária ao que havia proposto. ‘Criatividade e amorosidade com Paulo Freire’ assumia uma redação que me parecia já não fazer sentido. Questionava-me se a redação apresentada possibilitava a idéia de movimento cuja obra de Paulo Freire expressa em toda sua extensão. Questionava-me se estava comunicando uma dimensão dialética quando escrevia criatividade e amorosidade como duas dimensões de um mesmo todo, ou, noutra direção, se estaria polarizando a idéia delimitando criatividade como uma categoria e amorosidade outra, ambas relevantes na obra freireana, contudo, duas distintas categorias.

Diria que, neste mesmo momento em que me envolvo com estas reflexões deparo com um dos elementos centrais ao modo de pensar certo que Paulo Freire nos disponibiliza ao escrever sobre ‘saberes necessários à prática educativa’ (FREIRE, 1996). Estou referindo-me à condição de sujeito na qual me coloco. Lendo e relendo a mim mesmo, vou convencendo-me de que o que havia escrito já não devo escrever. Na verdade, diria que re-escrevendo estou re-escrevendo a mim mesmo, estou delimitando meu percurso em aprendizagem. Motivo com o qual sou levado a redirecionar o tema, atribuir uma mudança na orientação desta minha fala. Diferente de ‘Criatividade e amorosidade com Paulo Freire’, gostaria de pensar ‘Criatividade amorosa com Paulo Freire’. Gostaria de admitir a possibilidade de refletirmos sobre uma maneira de ser e estar em ação criativa cuja qualidade da ação se fortalece pela condição ontológica humana de amar, de valorizar a vida pela dimensão de relações que se constroem em libertação.

Neste sentido, sinto-me bastante confortável na medida em que argumento a mudança atribuindo sentido e significado ao contexto no qual a ação criativa se coloca como absoluto

¹ Professor na Escola Superior de Educação Física/ESEF-UPE; Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisa Prof. Paulo Rosas/FACHO; Membro do Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa; Conselheiro Suplente do CME; Membro no Conselho do CIEE.

respeito à vida humana. Uma criatividade amorosa.

Na continuidade, tomo as palavras de Freire para exaltar minha opção, que é opção pensada. “Nas relações que o homem [ser humano] estabelece com o mundo há uma pluralidade na própria singularidade” (FREIRE, 1967, p. 40 – grifo nosso), há numa mesma situação possibilidades de confirmação, como de transformação, justamente por se tratar de momento cuja dinâmica nos conduz a novas aprendizagens. E, por isso mesmo, como crítica ao pensamento feito, reconstruo a fala, (re)visito a mim mesmo, criando e recriando idéias, fazeres, decisões em minha ousadia de pensar e escrever certo. Opto, conscientemente crítico, pelo tema gerador criatividade amorosa na medida em que reconheço transitar na amorosidade que qualifica a condição de quem cria e recria.

Já agora, (re)visitando o contexto em que estamos todos e todas envolvidos, pretendo estabelecer o lugar de onde falo sobre criatividade amorosa com Paulo Freire, uma fala situada no ambiente da Pedagogia da Autonomia – “Ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 1996, p. 52-101).

Neste sentido, antes mesmo de adentrar na reflexão proposta gostaria de comentar acerca da amorosidade de Freire pela terra e gente brasileira. Uma maneira de delimitar a coerência de seu pensar certo. Refiro-me à obra *Educação e Mudança*, originalmente escrita em espanhol (*Educadion y Cambio*, 1979), cuja primeira tradução para o português (por Moacir Gadotti e Lilliana Martin), coincide com o retorno de Paulo Freire ao Brasil. Durante 14 anos de exílio, Freire, chegando ao aeroporto de Viracopos, foi indagado se havia acompanhado a evolução política e educacional do País. Sua resposta escreve-nos Gadotti, “disse ter feito o impossível para isso e acrescentou: <mas a cada momento eu descobro que é indispensável estar aqui para melhor entender toda a atual realidade. Quinze anos de ausência exige uma reaprendizagem e uma maior intimização com o Brasil de hoje>” (Gadotti apud FREIRE, 1988, p. 9).

Este sentimento de pertencer, de estar dentro mesmo que esteja fora, nos coloca diante da ‘ad-miração’ com a qual Freire (1987) já nos afirmava ser condição humana de sujeitos em relação no e com o mundo. Na direção da reflexão sobre criatividade amorosa, diria que a percepção que homens e mulheres elaboram de sua realidade objetiva orienta as decisões que tomam criando e recriando o mundo, que é mundo pensado. Que é mundo desejado, amorosamente vivido.

Por isto mesmo, a criatividade amorosa pressupõe consciência sobre o inacabamento do ser humano. “Na verdade [diz-nos Freire] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (Op.cit., 55; grifo nosso). Na

clareza de ser inconcluso, homens e mulheres convivem em pluralidade, transcendem críticos em seus quefazeres, tomam consciência de sua incompletude e da dos outros e outras. A criatividade amorosa, assim inserida, encontra-se delimitada pela compreensão sobre as conseqüências da ação de criar/recriar de cada um e uma. Não há criatividade na ausência da vida. Não há criatividade amorosa entre homens e mulheres que inautênticos se fazem determinados. A ação criativa na amorosidade autêntica insere-se na consciência de que, sendo ser condicionado, homens e mulheres superam situações limites mediados(as) pelo inédito viável de cada um(a).

Criatividade amorosa, neste contexto, é conseqüência da “posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 1996, p. 60). Cultura e natureza fazem parte de uma mesma totalidade cujas partes se fazem significativas na ação de homens e mulheres-sujeitos na e com a história. Fazem-se pela cultura sujeitos nos tempo passado, presente e futuro. Suas ações são ações de quem se reconhecendo condicionados inserem-se inacabados na superação de desafios percebidos.

Como ser da natureza o ser humano marca seu contato no mundo, mas será como sujeitos produtores de cultura que homens e mulheres dão significado à vida, fazem-se com o mundo. Com isto, a ação criativa mediada pela criatividade amorosa exige ‘respeito à autonomia’ de quem cria e recria. Exige

o exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar, se faz no corpo da curiosidade. Neste sentido, quanto mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer nosso bom senso (Op.cit., 69).

Fala-se da ação criativa quando se disponibilizam soluções diversas e ajustadas à problemas que o mundo dispõe. Contudo, não há ação criativa sob a dimensão da criatividade amorosa se estes problemas não emergirem do absoluto respeito à vida. Tampouco haverá amorosidade na ação de criar/recriar se não houver dignidade na luta pelos direitos humanos e cidadania. Por conseguinte, a ação criativa amorosa encontra-se integrada à ‘apreensão da realidade’ que é conseqüência da aprendizagem que homens e mulheres constroem como sujeitos. A curiosidade em aprender, é uma curiosidade epistemológica. Exige dos sujeitos atitude crítica mediada pelo reconhecimento das relações que elaboram. Assim, criatividade amorosa exigindo conhecimento, exige compreensão de aprendizagem como construção, reconstrução, exige “constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura

do espírito” (Ibid., 77).

A tensão expressa pela criatividade determinada por problemas que declinam contrária à vida, aos homens, às mulheres e ao mundo não se expressa na esperança transformadora, na defesa da pluralidade, da criticidade, da transcendência essenciais à existência humana em libertação. Noutra sentido, limita-se aos fazeres cuja produção pouco ou nada se insere na valorização da vida. Distante do reconhecimento fundamental de respeito à vida coletiva entre sujeitos, a criatividade se expressa através de ações fechadas à resolução dos problemas.

Noutra direção, criatividade amorosa se expressa na esperança da superação de situações limites orientada pela alegria de compartilhar aprendizagens e quefazeres, pelo ‘pensar certo’, pela curiosidade epistemológica’, pela consciência radicalmente crítica da leitura-mundo na direção de ‘ser mais coletivamente’, de assumir-se em autonomia solidária, responsável e comprometida com a práxis libertadora.

Referência

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Coleção Educação e Comunicação, v.1. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Martin. 14^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 1996.